JUDÔ VETERANO, LONGEVIDADE E FORMAÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-ESTATÍSTICA DO BRASIL EM CAMPEONATOS MUNDIAIS À LUZ DOS PILARES DO INSTITUTO CAMARADAS INCANSÁVEIS

VETERAN JUDO, LONGEVITY, AND HUMAN DEVELOPMENT: A HISTORICAL-STATISTICAL ANALYSIS OF BRAZIL IN WORLD CHAMPIONSHIPS CONSIDERING THE PILLARS OF THE CAMARADAS INCANSÁVEIS INSTITUTE

CRISTIAN CEZÁRIO

RODRIGO GUIMARÃES MOTTA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC SP

Comunicação:
O XIV SINGEP foi realizado em conjunto com a 14th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) e com a SPARK (Society for Promoting Academic Research and Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

JUDÔ VETERANO, LONGEVIDADE E FORMAÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-ESTATÍSTICA DO BRASIL EM CAMPEONATOS MUNDIAIS À LUZ DOS PILARES DO INSTITUTO CAMARADAS INCANSÁVEIS

Objetivo do estudo
O objetivo deste estudo é analisar a trajetória histórica e estatística do judô veterano brasileiro em Campeonatos Mundiais entre 2010 e 2025 e interpretá-la à luz dos cinco pilares do Instituto Camaradas Incansáveis, relacionando desempenho esportivo, longevidade, saúde, resiliência, autonomia e pertencimento.

Relevância/originalidade
O estudo articula a trajetória estatística do judô veterano brasileiro com os cinco pilares do Instituto Camaradas Incansáveis (ICI) — ampliando a análise para dimensões de longevidade, saúde, resiliência, autonomia e pertencimento — e propõe um modelo conceitual e uma matriz analítica.

Metodologia/abordagem
Trata-se de um estudo descritivo, documental e interpretativo, com abordagem quantitativa e qualitativa. A dimensão quantitativa utiliza dados dos Campeonatos Mundiais Veteranos de 2010 a 2025 disponibilizados por órgãos oficiais, enquanto a qualitativa utiliza análise histórica de documentos institucionais e literatura científica.

Principais resultados
O Brasil acumulou 363 medalhas no período estudado, sendo 114 ouros, 99 pratas e 150 bronzes. Os resultados evidenciam ciclos de desempenho e protagonismo internacional, enquanto os pilares do ICI permitem interpretar dimensões de evolução, saúde, resiliência, autonomia e pertencimento.

Contribuições teóricas/metodológicas
O estudo propõe os cinco pilares do ICI como categorias de análise aplicáveis ao judô veterano e os articula às competências da Teoria do Esportismo. Metodologicamente, apresenta uma matriz com indicadores, possibilidades de aplicação e riscos para orientar futuras investigações.

Contribuições sociais/para a gestão
O modelo pode orientar programas de judô veterano com avaliação e monitoramento individualizados, trilhas de desenvolvimento, indicadores além das medalhas, mentoria entre gerações e cultura de segurança, favorecendo continuidade esportiva, autonomia, pertencimento e desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Judô veterano, Artes marciais, Envelhecimento ativo

VETERAN JUDO, LONGEVITY, AND HUMAN DEVELOPMENT: A HISTORICAL-STATISTICAL ANALYSIS OF BRAZIL IN WORLD CHAMPIONSHIPS CONSIDERING THE PILLARS OF THE CAMARADAS INCANSÁVEIS INSTITUTE

Study purpose
This study aims to analyze the historical and statistical trajectory of Brazilian veteran judo at World Championships between 2010 and 2025 and interpret it considering the five pillars of the Camaradas Incansáveis Institute, relating athletic performance, longevity, health, resilience, autonomy, and belonging.

Relevance / originality
The study connects the statistical trajectory of Brazilian veteran judo with the five pillars of the Camaradas Incansáveis Institute (ICI) — expanding the analysis to dimensions of longevity, health, resilience, autonomy, and belonging — and proposes a conceptual model and analytical matrix.

Methodology / approach
This is a descriptive and interpretive study with a quantitative and qualitative approach. The quantitative dimension uses data from the 2010–2025 Veteran World Championships provided by official organizations, while the qualitative dimension employs historical analysis of institutional documents and scientific literature.

Main results
Brazil accumulated 363 medals during the study period, including 114 gold, 99 silver, and 150 bronze medals. The results reveal cycles of performance and international prominence, while the ICI pillars enable the interpretation of dimensions of development, health, resilience, autonomy, and belonging.

Theoretical / methodological contributions
The study proposes the five ICI pillars as analytical categories applicable to veteran judo and connects them with the competencies of the Theory of Esportismo. Methodologically, it presents a matrix with indicators, potential applications, and risks to guide future research.

Social / management contributions
The model may guide veteran judo programs through individualized assessment and monitoring, development pathways, indicators beyond medals, intergenerational mentoring, and a culture of safety, fostering continued sports participation, autonomy, belonging, and human development.

Keywords: Veteran judo, Martial arts, Active aging

JUDÔ VETERANO, LONGEVIDADE E FORMAÇÃO HUMANA: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-ESTATÍSTICA DO BRASIL EM CAMPEONATOS MUNDIAIS À LUZ DOS PILARES DO INSTITUTO CAMARADAS INCANSÁVEIS

1 Introdução

O envelhecimento populacional e o aumento da participação de adultos de meia-idade e idosos em programas esportivos desafiam a ideia de que o esporte competitivo pertence prioritariamente à juventude. No judô, em particular, esse fenômeno é visível nas categorias veteranas, que permitem continuidade competitiva organizada por faixas etárias e mantêm vínculos técnicos, sociais e identitários ao longo de décadas.

Nesse contexto em particular, o movimento internacional de veteranos passou de iniciativas independentes para um segmento integrado à *International Judo Federation* (IJF), a Federação Internacional de Judô (Messner, 2023). Paralelamente, a produção científica passou a investigar possíveis efeitos de artes marciais e esportes de combate sobre mobilidade funcional, equilíbrio, qualidade de vida e saúde psicológica em adultos mais velhos, embora a literatura ainda apresente heterogeneidade metodológica (Mendonça et al., 2025; Sakuyama et al., 2021; Valdés-Badilla et al., 2021, 2022). Esse movimento de expansão e consolidação também encontra expressão no contexto brasileiro, especialmente nos resultados alcançados por atletas veteranos em competições internacionais.

No Brasil, o judô veterano consolidou uma presença internacional expressiva — a própria série reunida neste estudo demonstra que o país se manteve entre as principais potências mundiais entre 2010 e 2025 (Confederação Brasileira de Judô, 2024, 2025; International Judo Federation, 2010–2025). Esse processo de consolidação também se relaciona ao papel da Confederação Brasileira de Judô (CBJ), que, em 2016, criou uma coordenação específica para a categoria e contribuiu para sua organização e estruturação, favorecendo condições de continuidade e incentivo à participação dos atletas (Confederação Brasileira de Judô, 2020). Entre esses mecanismos, destacam-se a manutenção de um Ranking Nacional, o registro do currículo esportivo dos judocas no sistema Zempo e diferentes formas de reconhecimento institucional promovidas por câmaras municipais, federações e outras entidades.

Entretanto, uma leitura exclusivamente medalhística seria insuficiente, pois a carreira veterana envolve saúde, recuperação, trabalho, família, identidade, motivação e pertencimento. Assim, compreender essa trajetória exige deslocar o olhar do resultado competitivo e aproximá-lo para os elementos que sustentam a permanência e o desenvolvimento do atleta ao longo do tempo também.

Diante desse cenário, o Instituto Camaradas Incansáveis (ICI) constitui uma experiência relevante para a compreensão do judô veterano brasileiro. Fundado em 2015, inicialmente como Instituto Chiaki Ishii, e reorganizado em sua configuração atual a partir de 2017 por atletas veteranos, o ICI é uma Organização Não Governamental (ONG) que se consolidou nacional e internacionalmente por meio de resultados expressivos em campeonatos mundiais, panamericanos e sul-americanos, ao mesmo tempo que desenvolveu uma proposta de formação pautada na excelência esportiva e no desenvolvimento humano (Xavier Filho et al., 2020).

Além de ter construído em paralelo uma trajetória acompanhada pela produção e disseminação de conhecimentos acadêmicos relacionados ao esporte, à gestão esportiva e ao desenvolvimento de atletas (Motta, 2024; Motta, Junqueira & Mola, 2021; Motta & Moyano, 2024), o ICI apresenta uma concepção de carreira esportiva que articula desempenho, longevidade e desenvolvimento integral sintetizada em cinco pilares institucionais: “Ser evolutivo”, voltado à evolução contínua; “Longevidade saudável”, orientado à longevidade física, mental e social; “Mente de campeão”, centrado no desenvolvimento de resiliência e

mentalidade; “Ninguém põe a mão no meu kimono”, fundamentado em autonomia técnica e protagonismo; e “Ninguém fica para trás”, direcionado ao pertencimento comunitário.

A articulação entre esses pilares e a trajetória competitiva do judô veterano brasileiro permite, assim, aproximar o desempenho observado nas competições e os fatores que contribuem para a construção de carreiras esportivas longevas. Diante dessa premissa, o objetivo deste estudo é analisar a trajetória histórica e estatística do judô veterano brasileiro em Campeonatos Mundiais entre 2010 e 2025 e interpretá-la à luz dos cinco pilares do ICI, relacionando desempenho esportivo, longevidade, saúde, resiliência, autonomia e pertencimento. Além disso, espera-se ainda descrever a evolução do desempenho brasileiro em Campeonatos Mundiais Veteranos, interpretar os cinco pilares do ICI como categorias de análise aplicáveis à formação esportiva e humana, assim como propor implicações práticas para programas de judô veterano, políticas institucionais e pesquisas futuras.

Para tanto, o artigo está estruturado em cinco seções, a começar por esta introdução, dedicada a contextualizar o problema de pesquisa a ser investigado. Na sequência, a fundamentação teórica reúne os referenciais que sustentam a pesquisa, abordando as competências propostas pela Teoria do Esportismo, selecionada por sua convergência com a perspectiva de formação adotada pelo ICI, e, posteriormente, a experiência institucional do instituto em si e seus cinco pilares. Em seguida, os procedimentos metodológicos são apresentados para, logo após, os resultados serem analisados e discutidos. Finalmente, o artigo é finalizado com a conclusão e recomendações de estudos futuros.

2 Referencial teórico

A fundamentação teórica está organizada em dois momentos, iniciando-se pela abordagem das competências delineadas pela Teoria do Esportismo, cuja escolha decorre de sua aproximação com a concepção de formação adotada pelo instituto aqui estudado. Em seguida, discute-se a experiência institucional do ICI e os pilares que fundamentam sua proposta formativa.

2.1 As competências do Esportismo

O desenvolvimento de competências é fundamental para a atuação e o desempenho de pessoas em quaisquer ambientes organizacionais, haja vista permitirem articular conhecimento, habilidade e atitude orientada a resultados (Durand, 2000). Para além de formas tradicionais de se desenvolver determinadas habilidades — desde o ensino regular e superior até programas formais de capacitação —, a literatura também reconhece haver competências que emergem em contextos de aprendizagem prática, nos quais experiências vivenciadas favorecem essa construção (Fleury & Fleury, 2001; Paiva & Melo, 2008).

Nesse sentido, o esporte se configura como um ambiente privilegiado de formação ao proporcionar situações que exigem disciplina, cooperação, liderança, resiliência, tomada de decisão e capacidade de adaptação, atributos esses frequentemente acionados em outras dimensões da vida, como no exercício profissional e nas interações sociais. Um estudo que sustenta essa premissa é o de Ratten (2015), que, ao examinar a relação entre esporte e empreendedorismo, evidenciou que atletas mobilizam habilidades sociais, emocionais e de liderança adquiridas ao longo de sua trajetória esportiva para orientar escolhas e alcançar melhores resultados em seus negócios. Diante dessas evidências que reforçam o caráter formativo do esporte, insere-se a Teoria do Esportismo.

Elaborada por Castropil e Motta (2010), a Teoria do Esportismo sugere que a vivência esportiva contribui para a aquisição e o aprimoramento de competências aplicáveis em diferentes momentos da vida pessoal e profissional. Em sua investigação, os autores

entrevistaram 125 empresários e executivos com histórico esportivo e, a partir dos relatos, mapearam quando cada competência emergiu durante a prática esportiva e como se consolidou em suas trajetórias profissionais (Motta, Castropil & Santos, 2017). O modelo reúne cinco competências — Atitude, Visão, Estratégia, Execução e Trabalho em Equipe —, cujas características são apresentadas na Figura 1 a seguir.

Competência	Características
Atitude	Estabelecer uma abordagem não conformista para a resolução de problemas
Visão	Construir uma visão inspiradora do que se pode atingir com o próprio esforço
Estratégia	Elaborar um plano de ação que permita atingir a visão
Execução	Executar o plano de ação proposto com rigor e método
Trabalho em Equipe	Cercar-se de pessoas qualificadas que auxiliem a execução do plano de ação

Figura 1. As cinco competências propostas pela Teoria do Esportismo.
Fonte: Adaptado de Motta e Corá (2019).

A primeira delas, a Atitude, caracteriza-se por uma postura de não conformidade diante das circunstâncias, levando o indivíduo a sair de sua zona de conforto e a se colocar diante de situações desafiadoras. Embora essa característica possa emergir em pessoas que não tenham vivência esportiva, a Teoria do Esportismo aponta que ela tende a ser intensificada nas trajetórias de empresários e empreendedores que tiveram contato sistemático com práticas esportivas (Castropil & Motta, 2010).

A segunda competência, a Visão, diz respeito à capacidade de construir uma perspectiva motivadora sobre aquilo que se pode alcançar por meio do próprio empenho. Conforme formulado por Castropil e Motta (2010), os primeiros objetivos geralmente são concretos e próximos — como conquistar uma medalha em determinada competição — mas, à medida que o atleta amadurece, suas metas tornam-se mais ousadas, ampliando o horizonte de possibilidades tanto no esporte quanto na vida profissional e pessoal.

A definição dessa perspectiva de futuro constitui, por sua vez, o ponto de partida para a Estratégia, a terceira competência proposta pelo modelo, a qual é compreendida como a capacidade de estruturar os caminhos necessários para o atingimento dos objetivos estabelecidos. Esse processo envolve a organização de rotinas, a seleção de atividades e a identificação de recursos necessários, o que exige do indivíduo uma capacidade de planejamento que sustente a busca por resultados.

A quarta competência, a Execução, corresponde à implementação rigorosa do plano traçado. Nesse momento, torna-se essencial atuar com disciplina, método e constância, de modo a maximizar as chances de alcançar o desempenho esperado. Mesmo em situações que demandem improviso ou ajustes, a retomada criteriosa do planejamento é fundamental para garantir coerência e continuidade.

Por fim, o Trabalho em Equipe representa a quinta e última competência, associada à constituição de uma rede de pessoas qualificadas cujos conhecimentos e experiências contribuam para a realização dos objetivos estabelecidos. Conforme discutido por Motta, Castropil e Santos (2017), em uma ampliação do estudo original de Castropil e Motta (2010), a própria dinâmica esportiva favorece o desenvolvimento dessa competência: nas modalidades coletivas, a cooperação entre atletas é indispensável; nas individuais, o desempenho depende da atuação integrada de treinadores, psicólogos, médicos, fisioterapeutas e nutricionistas.

A articulação entre essas competências está representada na obra em que o conceito foi introduzido e sistematizado por Castropil e Motta (2010) com uma medalha, cuja escolha remete ao reconhecimento do êxito esportivo e, consequentemente, ao resultado almejado pelo indivíduo em sua trajetória na modalidade, conforme ilustrado na Figura 2.



Figura 2. Medalha do Esportismo.
Fonte: Castropil e Motta (2010).

As cinco competências, embora apresentadas individualmente, não devem ser compreendidas de maneira isolada, visto que o Esportismo pressupõe uma relação de interdependência e complementaridade entre elas, de modo que sua articulação potencializa a capacidade do indivíduo de enfrentar desafios e alcançar objetivos. Nessa perspectiva, o modelo também sustenta a possibilidade de mobilização dessas competências em situações que ultrapassam os limites da experiência esportiva, permitindo sua aplicação em diferentes circunstâncias da vida.

2.2 Os pilares do ICI

Ao longo de sua trajetória, o ICI tornou-se uma referência nacional e internacional no judô veterano a partir de uma trajetória marcada por resultados esportivos expressivos, organização institucional e desenvolvimento de atletas. Conforme antecipado na introdução deste estudo, fundado inicialmente em 2015 e reorganizado em sua configuração atual a partir de 2017 (Figura 3), o ICI ampliou sua atuação para além da preparação competitiva, incorporando também iniciativas relacionadas à produção e à disseminação de conhecimentos sobre esporte, gestão esportiva e formação de atletas (Motta & Moyano, 2024; Xavier Filho et al., 2020).



Figura 3: Logotipo do ICI.
Fonte: ICI Judô (2026).

Nesse percurso, foram sistematizados cinco pilares que passaram a orientar a cultura e as práticas esportivas da instituição: “Mente de campeão”, “Longevidade saudável”, “Ser

evolutivo", "Ninguém põe a mão no meu kimono" e "Ninguém fica para trás". Conforme esses princípios norteavam a preparação dos judocas do instituto, os fundadores observaram que os atletas passaram a alcançar resultados satisfatórios não só no tatame, como também em suas vidas particulares. Essa percepção fez com que se estabelecesse uma aproximação dos pilares do ICI com as competências da Teoria do Esportismo, de Castropil e Motta (2010), especialmente pela compreensão de que a experiência esportiva favorece o desenvolvimento de competências passíveis de serem mobilizadas tanto no próprio esporte quanto em outras dimensões da trajetória dos indivíduos.

A correspondência identificada entre os pilares do ICI e as competências descritas pelo Esportismo evidenciou uma convergência conceitual entre a prática desenvolvida pela instituição e um arcabouço teórico já estabelecido na literatura especializada (Motta et al., 2023; Motta, Castropil & Santos, 2017; Motta & Corá, 2019). As correlações identificadas estão relacionadas na Figura 4.

Pilar do ICI	Relação com o Esportismo	Dimensão central
Mente de campeão	Atitude	Resiliência e disciplina
Longevidade saudável	Visão	Saúde e autonomia
Ser evolutivo	Estratégia	Aprendizagem e adaptação
Ninguém põe a mão no meu kimono	Execução	Técnica e protagonismo
Ninguém fica para trás	Trabalho em Equipe	Pertencimento e cooperação

Figura 4. Dimensões e correlações estabelecidas entre as competências do Esportismo e os pilares do ICI.
Fonte: Adaptado de Castropil e Motta (2010) e de Xavier Filho et al. (2020).

Os cinco pilares que orientam os alunos do ICI articulam diferentes dimensões do desenvolvimento do atleta ao longo de sua trajetória. A começar por "Mente de campeão", esse pilar reúne aspectos relacionados à disciplina, à resiliência e à capacidade de lidar com desafios e adversidades, ao passo que a "Longevidade saudável" enfatiza a continuidade da prática esportiva aliada à preservação da saúde, da funcionalidade e da autonomia. O "Ser evolutivo" está associado à aprendizagem contínua, à adaptação e à busca por aprimoramento diante das diferentes etapas da carreira esportiva. O pilar "Ninguém põe a mão no meu kimono", por sua vez, relaciona-se ao protagonismo e à autonomia do atleta na condução de sua trajetória, enquanto "Ninguém fica para trás", por fim, expressa a dimensão coletiva da prática esportiva, valorizando cooperação, pertencimento e apoio mútuo.

Cada pilar foi aqui brevemente apresentado em sua formulação institucional a fim de estabelecer uma base conceitual e servir de referência adiante durante a discussão de resultados, momento em que os pilares serão retomados e aprofundados como categorias de análise aplicáveis à formação esportiva e humana.

3 Metodologia

Esta pesquisa consiste em um estudo descritivo, documental e interpretativo, com abordagem quantitativa e qualitativa. A dimensão quantitativa utiliza resultados dos Campeonatos Mundiais Veteranos de 2010 a 2025, organizados em bases consolidadas por atleta, país, gênero e tipo de medalha a partir dos arquivos oficiais disponibilizados pela IJF (International Judo Federation, 2010–2025). Já a dimensão qualitativa utiliza análise histórica de documentos institucionais, literatura científica e os próprios cinco pilares do ICI como referencial interpretativo, conforme sistematizados e disponibilizados pelo instituto aos autores (Instituto Camaradas Incansáveis, 2026; Motta & Moyano, 2024).

Partindo do dado de que a base brasileira contém 562 registros de resultados e 285 atletas nominalmente distintos, para o quadro de medalhas, foram contabilizadas medalhas de ouro, prata e bronze. A ordem do ranking por ouro consiste em maior número de ouros, depois pratas e bronzes, enquanto o ranking por total considera a soma de medalhas, com desempates sucessivos por ouro, prata e bronze.

O material de orientação oral enviado pelos autores foi considerado como fonte de direcionamento conceitual. Para preservar rigor metodológico, o presente texto não atribui citações literais ao áudio; as formulações acadêmicas foram construídas a partir dos cinco pilares explicitamente fornecidos em texto e das ideias gerais de aplicação ao judô veterano.

A revisão narrativa, por sua vez, priorizou documentos oficiais da Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, 2020), da IJF (Messner, 2023) e da CBJ (Confederação Brasileira de Judô, 2022, 2024, 2025). Além disso, contou-se com estudos revisados por pares sobre artes marciais, esportes de combate e saúde de adultos mais velhos (Mendonça et al., 2025; Sakuyama et al., 2021; Valdés-Badilla et al., 2021, 2022).

4 Análise e discussão de resultados

De forma a analisar a trajetória histórica e estatística do judô veterano brasileiro em Campeonatos Mundiais e interpretá-la à luz dos cinco pilares do ICI, a seção de análise e discussão está organizada em três momentos distintos e complementares. A princípio, são reunidos os dados referentes ao desempenho brasileiro no judô veterano a fim de se compreender a dimensão quantitativa investigada; em seguida, os pilares do ICI são examinados como modelo conceitual à luz desse cenário; e, por fim, a análise integrada desses resultados culmina em uma matriz analítica de aplicação dos pilares do ICI ao judô veterano.

4.1 O desempenho brasileiro no judô veterano

No período analisado, foram reunidos 562 resultados brasileiros, envolvendo 285 atletas nominalmente distintos e 363 pódios (figura 5); em um recorte de gênero, a base registra 446 resultados masculinos e 116 femininos (figura 6).

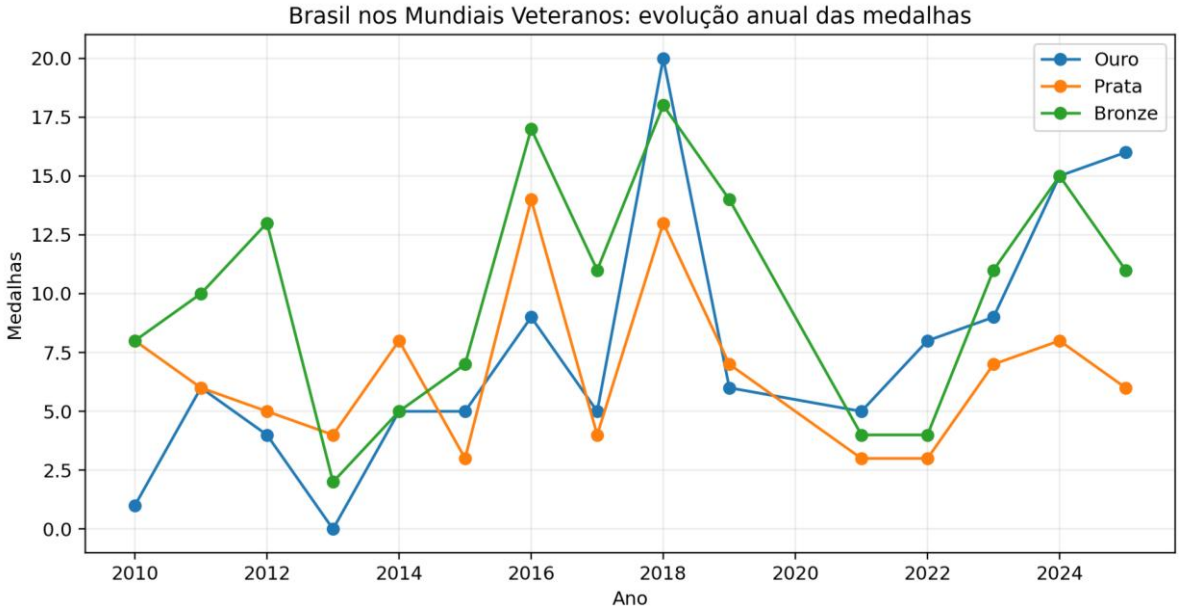


Figura 5. Evolução anual das medalhas brasileiras (2010–2025).
Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados disponibilizados pela International Judo Federation (2010–2025).

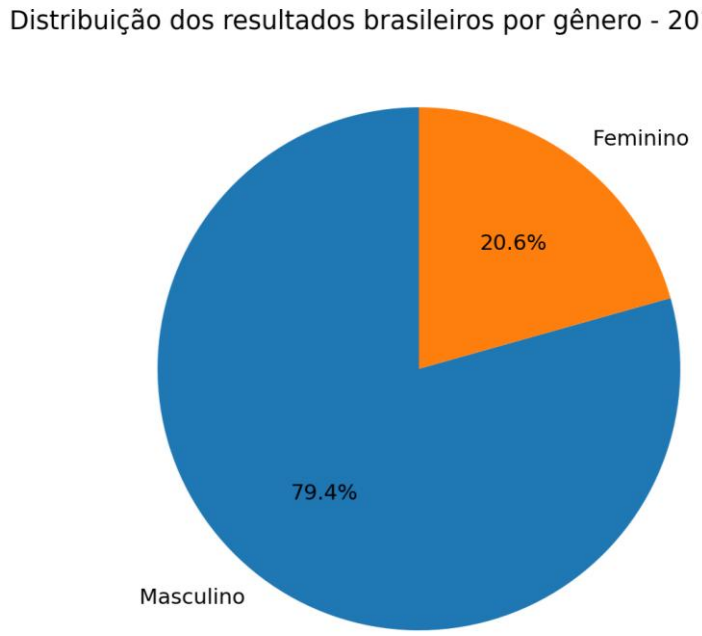


Figura 6. Distribuição dos resultados brasileiros por gênero no período analisado.
Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados disponibilizados pela International Judo Federation (2010–2025).

No quadro acumulado de países, o Brasil alcança 114 ouros, 99 pratas e 150 bronzes, totalizando 363 medalhas (figura 7).

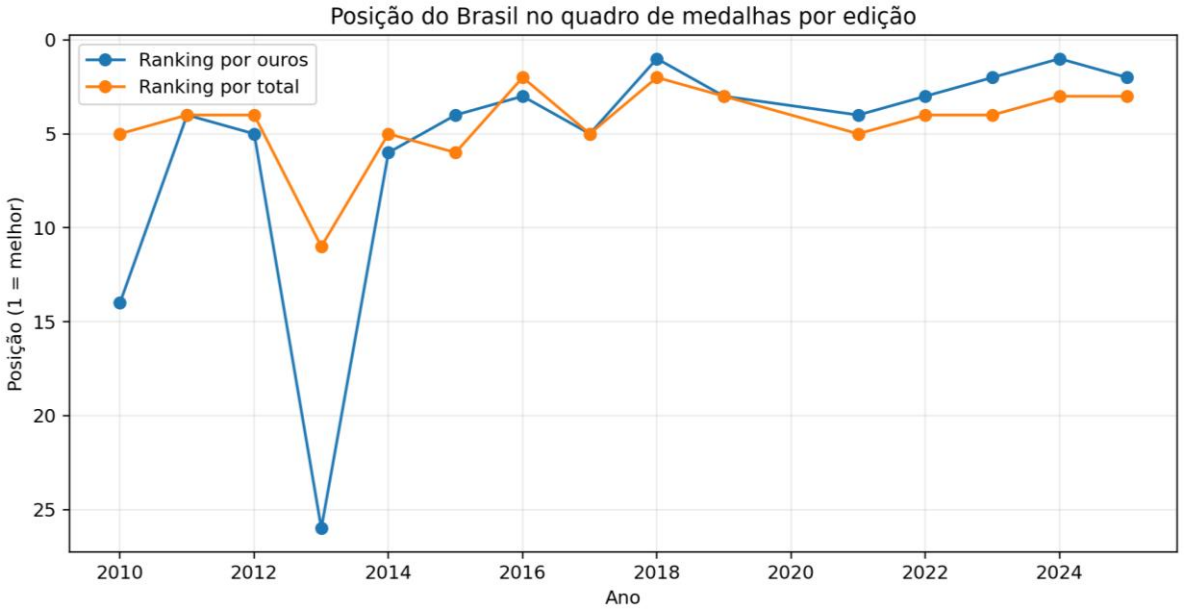


Figura 7. Posição anual do Brasil nos rankings por ouro e por total de medalhas.
Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados disponibilizados pela International Judo Federation (2010–2025).

Nota-se, em especial na figura 7, que o desempenho apresenta ciclos: os anos iniciais mostram presença frequente em pódios, porém menor conversão em títulos; 2013 constitui uma retração evidente; 2016 e 2018 marcam expansão; e o período de 2023 a 2025 sinaliza uma nova fase de protagonismo. Em 2018, em particular, o Brasil liderou o ranking por ouros,

enquanto em 2024 voltou ao primeiro lugar por esse critério, e em 2025 permaneceu entre os líderes em uma edição de participação internacional recorde.

4.2 Os pilares do ICI como modelo conceitual

Tendo em vista o cenário contextualizado na seção anterior, os pilares do ICI podem ser compreendidos como dimensões interdependentes aplicáveis à trajetória esportiva no judô. Em geral, o modelo propõe equilíbrio entre competência, saúde, identidade e pertencimento: evolução sem saúde tende à ruptura; saúde sem propósito pode reduzir adesão; mentalidade sem técnica tende a produzir esforço desorganizado; autonomia sem comunidade pode gerar isolamento; comunidade sem desenvolvimento individual pode limitar a excelência, entre outros desencadeamentos possíveis.

Nesse sentido, a análise dos pilares parte de sua formulação institucional e os relaciona ao contexto específico do judô veterano, considerando as características identificadas na trajetória competitiva brasileira. Cada princípio enfatiza uma dimensão distinta da experiência esportiva, enquanto sua compreensão conjunta permite observar como desempenho e desenvolvimento podem ser articulados ao longo de cada trajetória.

De início, o pilar "Mente de campeão" rege resiliência, disciplina e autorregulação. A carreira veterana é marcada por desafios que ultrapassam o adversário esportivo, como lesões, trabalho, família, custos de viagem, redução de tempo disponível, alterações corporais e períodos de interrupção. Nesse sentido, a "Mente de campeão" deve ser compreendida menos como culto à vitória e mais como competência psicológica para organizar comportamento diante de dificuldades.

A mentalidade campeã madura inclui pedir ajuda, ajustar carga, respeitar recuperação e redefinir metas — em outras palavras, a persistência responsável é diferente de obstinação. Nesse caso, ao ter Atitude, como denominado pelo Esportismo (Castropil & Motta, 2010), o atleta desenvolve uma postura não conformista diante dos desafios, buscando alternativas para superá-los sem desrespeitar seus próprios limites.

Partindo para a "Longevidade saudável", este pilar incentiva o atleta a viver mais e melhor, sempre com autonomia. A proposta de manutenção da prática esportiva associada à preservação da saúde converge com a recomendação da Organização Mundial da Saúde quanto à prática regular de atividade física ao longo da vida para o alcance de diversos benefícios para a saúde cardiovascular, musculoesquelética, mental e funcional (World Health Organization, 2020). Já para adultos mais velhos, a combinação de atividade aeróbia, fortalecimento e exercícios multicomponentes é particularmente relevante para autonomia.

A competência de Visão, nos termos do Esportismo (Castropil & Motta, 2010), direcionada à saúde e autonomia vai ao encontro de achados na literatura, visto que revisões sobre esportes de combate olímpicos em adultos mais velhos sugerem potenciais benefícios físicos, funcionais e psicoemocionais (Valdés-Badilla et al., 2021, 2022). O estudo de Sakuyama et al. (2021), por exemplo, ao propor um programa de exercícios de judô para idosos, avaliou eficácia e segurança com foco em qualidade de vida.

Em essência, no ICI, "Longevidade saudável" significa preservar a capacidade de participar, aprender, cair com segurança, levantar, viajar, conviver e manter autonomia. A medalha é um resultado possível; a continuidade funcional é um resultado estrutural.

Seguindo para "Ser evolutivo", este pilar se pauta em adaptação, aprendizagem e identidade de crescimento, representando melhoria contínua e adaptação deliberada. No judô veterano em particular, evolução não pode ser medida apenas pela manutenção de capacidades típicas da juventude, visto que a idade modifica recuperação, potência, mobilidade, tolerância de carga e contexto de vida. Por essa razão, em um processo regido por Estratégia (Castropil &

Motta, 2010), evoluir passa a significar reorganização técnica, preparação física e definição de expectativas de forma realista e progressiva.

A compreensão de "Ser evolutivo" pode ser aproximada ainda da Teoria da Autodeterminação, de Deci e Ryan (2000), que identifica as necessidades psicológicas de competência, autonomia e pertencimento como elementos relacionados ao desenvolvimento, ao funcionamento e ao bem-estar. Assim, a experiência no judô pode compensar parcialmente perdas físicas por meio de leitura de combate, antecipação, economia de movimento e repertório técnico. Em suma, o pilar desloca a comparação principal do atleta com os outros para uma comparação longitudinal consigo mesmo.

Quanto ao pilar "Ninguém põe a mão no meu kimono", a expressão nasce da *kumikata*, dimensão central do judô competitivo referente ao controle das pegadas durante o combate — controlar a pegada influencia postura, distância, direção e capacidade de impor iniciativa. Como metáfora institucional, o pilar amplia esse princípio para autonomia: não se entrega passivamente o controle da própria trajetória; mantém-se técnica, autonomia e protagonismo. Nesse aspecto, cabe a Execução realizada com rigor (Castropil & Motta, 2010). No judô veterano em particular, autonomia significa participar do planejamento do treino, compreender riscos, escolher metas, dominar fundamentos técnicos e assumir responsabilidade sobre saúde e preparação.

Finalmente, o significado de "Ninguém fica para trás" suscita pertencimento, cooperação e transmissão intergeracional. O pilar enfatiza essa dimensão coletiva da experiência esportiva, associando a permanência e o desenvolvimento do atleta à colaboração.

No esporte veterano, a dimensão coletiva manifesta-se nas relações estabelecidas entre atletas e demais participantes da preparação esportiva, incluindo o compartilhamento de experiências, treinos, deslocamentos, informações, recursos necessários à continuidade da prática e até mesmo apoio emocional. Por essa razão, o pertencimento pode ser tão importante para a continuidade quanto o objetivo competitivo, assim como estabelece um Trabalho em Equipe (Castropil & Motta, 2010).

De maneira mais profunda, o pilar traduz ainda uma ética de inclusão: o atleta lesionado continua pertencendo; o iniciante é integrado; o mais experiente compartilha repertório; quem conquista resultado retorna para fortalecer o grupo. A lógica transforma a equipe de uma soma de indivíduos em uma comunidade de aprendizagem.

Em conjunto, os cinco pilares articulam dimensões que abrangem o desenvolvimento individual, a manutenção da saúde, os processos psicológicos, a autonomia e as relações sociais. Sua aproximação com a Teoria do Esportismo e com referenciais complementares permite compreendê-los como um modelo conceitual aplicável à trajetória do atleta veterano, como se buscou ilustrar no modelo conceitual proposto na Figura 8.



Figura 8. Modelo conceitual dos cinco pilares do ICI aplicados.
Fonte: Elaborada pelos autores.

A partir dessas relações, a seção seguinte integra os elementos identificados e propõe uma matriz analítica para a aplicação dos pilares do ICI ao contexto do judô veterano.

4.3 Aplicação dos pilares do ICI ao judô veterano

Os dados esportivos apresentados anteriormente evidenciam que o Brasil possui uma história competitiva robusta no judô veterano. Nessa direção, o fato de atletas permanecerem ativos por décadas oferece um laboratório social de envelhecimento, identidade, adaptação e comunidade. Diante dessa percepção, os pilares do ICI oferecem uma estrutura conceitual para interpretar essas dimensões que não são diretamente capturadas pelos indicadores competitivos.

O pilar “Ser evolutivo” dialoga com a necessidade de periodização ao longo da vida. Programas para veteranos não devem reproduzir automaticamente métodos destinados a atletas jovens — até mesmo porque o envelhecimento é heterogêneo; idade cronológica, histórico de lesões, experiência técnica e condições clínicas exigem individualização. Além disso, a “Longevidade saudável” encontra respaldo na literatura de atividade física e em estudos emergentes sobre artes marciais. Apesar de as evidências não poderem afirmar categoricamente que o judô, por si só, previne quaisquer doenças ou quedas, os estudos apresentam amostras pequenas e positivas; o maior benefício potencial está em quando a prática é adaptada, progressiva e integrada à avaliação de saúde.

“Mente de campeão” e “Ninguém põe a mão no meu kimono” representam dimensões psicológicas e técnicas complementares: resiliência sem autonomia pode produzir dependência; autonomia sem disciplina pode produzir irregularidade — a formação proposta pelo ICI,

portanto, combina capacidade de agir, persistir e tomar decisões. “Ninguém fica para trás”, por fim, acrescenta uma dimensão coletiva que impede que o esporte veterano se torne apenas um espaço para atletas já bem-sucedidos. Excelência competitiva e acolhimento podem coexistir quando há critérios claros, trilhas de desenvolvimento e cultura de cooperação.

A partir das relações estabelecidas entre os resultados empíricos, os fundamentos teóricos e a formulação institucional do ICI, foi elaborada a matriz apresentada na Figura 9, que sistematiza possíveis indicadores, formas de aplicação dos pilares ao contexto do judô veterano e riscos a serem considerados (e evitados) em sua implementação.

Pilar	Indicadores possíveis	Aplicação no judô veterano	Risco a evitar
Ser evolutivo	Metas, progressão técnica, adesão	Reorganizar treino e estratégia ao longo da idade	Comparação irreal com a juventude
Longevidade saudável	Força, mobilidade, funcionalidade	Praticar com segurança e continuidade	Excesso de carga e negligência clínica
Mente de campeão	Autorregulação e consistência	Sustentar objetivos de longo prazo	Confusão de persistência com imprudência
Ninguém põe a mão no meu kimono	*Kumikata* e tomada de decisão	Controlar situações e a própria trajetória	Dependência e passividade
Ninguém fica para trás	Retenção e apoio entre pares	Evolução coletiva e transmissão de conhecimento	Exclusão por idade ou nível

Figura 9. Matriz analítica de aplicação dos pilares do ICI ao judô veterano.
Fonte: Elaborada pelos autores.

Perante esse percurso, enfim, algumas implicações práticas para a organização da formação esportiva podem ser fundamentais. A princípio, a aplicação dos pilares sugere a necessidade de uma avaliação inicial e do monitoramento posterior, sendo essencial avaliar saúde, histórico de lesões, objetivos, capacidade funcional e experiência técnica antes da prescrição de treino.

A avaliação e o monitoramento permitem a criação de trilhas de desenvolvimento, isto é, pode-se desenhar percursos distintos para iniciação adulta, retorno ao judô, veterano recreativo e veterano competitivo, por exemplo — todos conectados pelos mesmos pilares. Faz-se importante também ter indicadores para além de medalhas, com isso acompanhando-se adesão, força, mobilidade, bem-estar, participação comunitária e progressão técnica.

Outro ponto importante que a aplicação do modelo permite é uma mentoria entre gerações, ou seja, os veteranos experientes podem ser mentores técnicos e culturais, enquanto uma cultura de segurança pode integrar *ukemi* (técnicas de amortecimento de quedas), preparação física, recuperação, avaliação clínica e educação sobre carga ao conceito de excelência. Por fim, a sistematização dessas informações, incluindo banco de dados longitudinal dos alunos e atletas, é imprescindível para a produção de conhecimento sobre formação e desenvolvimento humano e esportivo.

5 Conclusão

Este estudo buscou analisar a trajetória histórica e estatística do judô veterano brasileiro em Campeonatos Mundiais entre 2010 e 2025 e interpretá-la à luz dos cinco pilares do ICI, relacionando desempenho esportivo, longevidade, saúde, resiliência, autonomia e pertencimento. A análise dos resultados evidenciou que o judô veterano brasileiro apresenta relevância esportiva comprovada pela consistência de seus resultados internacionais: no

período investigado, o país acumulou 363 medalhas e permaneceu entre as maiores potências mundiais da modalidade.

Essa trajetória observada mostra que o maior valor do judô veterano reside na combinação entre desempenho e continuidade: o atleta precisa aprender a evoluir sem negar sua idade; pode cuidar da saúde sem abandonar a ambição; deve desenvolver resiliência sem negligenciar limites; é capaz de dominar técnica e tomar decisões; pode permanecer inserido em uma comunidade que sustente sua prática.

É justamente nessa perspectiva integrada que os cinco pilares do ICI se mostram convergentes com as demandas identificadas no judô veterano. “Ser evolutivo” organiza a aprendizagem; “Longevidade saudável” define sustentabilidade; “Mente de campeão” estrutura a resposta às adversidades; “Ninguém põe a mão no meu kimono” simboliza competência e protagonismo; “Ninguém fica para trás” assegura pertencimento e responsabilidade coletiva. Assim, como modelo acadêmico e institucional, esses pilares podem orientar treinamento, avaliação, cultura organizacional e produção científica, como se buscou demonstrar ao longo do estudo, sendo o princípio de partida para protocolos mensuráveis em prol da construção de um possível modelo brasileiro de judô.

Nesse sentido, como desdobramento desta pesquisa, recomenda-se a aplicação acadêmica dos pilares em estudos longitudinais, de 12 a 24 meses, em que se meçam adesão, capacidade funcional, saúde percebida, qualidade de vida, sono, força, mobilidade, composição corporal e pertencimento social. Outra possibilidade seriam estudos comparativos de grupos recreativos e competitivos, investigando-se diferenças por gênero e analisando-se fatores associados à permanência no judô.

Outra sugestão consiste no desenvolvimento e na validação de uma “Escala dos Cinco Pilares” do ICI, em que os princípios institucionais podem ser convertidos em constructos mensuráveis e testar relações entre evolução percebida, autonomia, resiliência, pertencimento e indicadores de saúde ou retenção esportiva. Dessa forma, pesquisas futuras poderão avançar da proposição conceitual do modelo e, a partir dessa avaliação empírica, contribuir para a construção e o aprimoramento de uma perspectiva brasileira de judô ao longo da vida.

Referências

Castropil, W., & Motta, R. G. (2010). *Esportismo – valores do esporte para o alto desempenho pessoal e profissional*. Editora Gente.

Confederação Brasileira de Judô. (2020). *Presidente da CBJ prestigia Desafio de Veteranos, em São Paulo, e anuncia Cristian Cezário como novo membro da Coordenação Nacional de Veteranos*. Confederação Brasileira de Judô. https://cbj.com.br/pt/noticias/presidente-da-cbj-prestigia-desafio-de-veteranos-em-sao-paulo-e-anuncia-cristian-cezario-como-novo-membro-da-coordenacao-nacional-de-veteranos--/

Confederação Brasileira de Judô. (2022). *Final de semana movimentado para os atletas veteranos*. Confederação Brasileira de Judô. https://cbj.com.br/pt/noticias/final-de-semana-movimentado-para-os-atletas-veteranos/

Confederação Brasileira de Judô. (2024). *Brasil lidera quadro geral de medalhas e domina Mundial de Veteranos*. Confederação Brasileira de Judô. https://cbj.com.br/pt/noticias/brasil-lidera-quadro-geral-de-medalhas-e-domina-mundial-de-veteranos/

Confederação Brasileira de Judô. (2025). *Brasil leva 33 medalhas no Mundial de Veteranos*. Confederação Brasileira de Judô. https://cbj.com.br/pt/noticias/brasil-leva-33-medalhas-no-mundial-de-veteranos/

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, *11*(4), 227–268. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01

Durand, T. (2000). L'alchimie de la compétence. *Revue Française de Gestion*, *127*, 84–102.

Fleury, A., & Fleury, M. T. L. (2001). *Estratégias empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira*. Atlas.

ICI Judô. (2026). *Página inicial*. ICI Judô. https://icijudo.com.br/

Instituto Camaradas Incansáveis. (2026). *Cinco pilares institucionais*. [Material conceitual fornecido aos autores].

International Judo Federation. (2010–2025). *Arquivos de resultados dos Campeonatos Mundiais Veteranos IJF.* [Base documental fornecida para esta pesquisa].

Mendonça, D. L. C., Raider Junior, J. M., Silva, L. B. B., Alonso, A. C., Greve, J. M. D., & Garcez-Leme, L. E. (2025). Benefits of martial arts on the functional capacity of elderly people: a systematic review and meta-analysis. *Clinics*, *80*, 100830. https://doi.org/10.1016/j.clinsp.2025.100830

Messner, N. (2023) *A little history and some facts*. International Judo Federation. https://www.ijf.org/news/show/a-little-history-and-some-facts

Motta, R. G. (2024). "Vamos com garra absurda!": planejamento do Instituto Camaradas Incansáveis para o alto rendimento. In *12º Simpósio Internacional de Gestão, Projetos, Inovação e Sustentabilidade (SINGEP).* UNINOVE.

Motta, R. G., Castropil, W., Borges, W. H. P., & Corá, M. A. J. (2023). Jornadas heroicas: estudo das competências obtidas no esporte como instrumento de aprendizagem baseada na prática. *Revista Eletrônica de Administração e Turismo*, *17*(2), 1–16. https://doi.org/10.15210/reat.v17i2.26306

Motta, R. G., Castropil, W., & Santos, N. (2017). Esportismo – competências adquiridas no esporte que auxiliam o atingimento da alta performance profissional. *Revista SODEBRAS*, *12*(134), 25–30. https://www.sodebras.com.br/edicoes/N134.pdf

Motta, R. G., & Corá, M. A. J. (2019). Teoria do Esportismo e as Economíadas: evento de festa e esporte universitário em São Paulo. *Pensamento & Realidade*, *34*(1), 94–110. https://doi.org/10.23925/2237-4418.2019v34i1p94-110

Motta, R. G., Junqueira, L. A. P., & Mola, I. C. F. (2021). Os desafios e progressos de uma ONG dedicada ao esporte: a trajetória do Instituto Camaradas Incansáveis (ICI). *Revista NAU Social*, *12*(22), 660–674. https://revbaianaenferm.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/45011

Motta, R. G., & Moyano, F. G. (2024). Análise do desenvolvimento de atitudes comportamentais e sociais influenciadas pelos pilares do Instituto Camaradas Incansáveis e atreladas ao Esportismo. In *9º Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE).* Universidad Nacional de La Plata. http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/186888

Paiva, K. C. M., & Melo, M. C. O. L. (2008). Competências, gestão de competências e profissões: perspectivas de pesquisas. *Revista de Administração Contemporânea*, *12*(2), 339–368. https://doi.org/10.1590/S1415-65552008000200004

Ratten, V. (2015). Athletes as entrepreneurs: The role of social capital and leadership ability. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, *25*, 442–455. https://doi.org/10.1504/IJESB.2015.070217

Sakuyama, N., Kamitani, T., Ikumi, A., Kida, M., Kaneshiro, Y., & Akiyama, K. (2021). Assessment of the efficacy and safety of a Judo exercise program in improving the quality of life among elderly patients. *Journal of Rural Medicine*, *16*(4), 229–235. https://doi.org/10.2185/jrm.2021-008

Valdés-Badilla, P., Herrera-Valenzuela, T., Ramirez-Campillo, R., Aedo-Muñoz, E., Báez-San Martín, E., Ojeda-Aravena, A., & Branco, B. H. M. (2021). Effects of Olympic Combat Sports on Older Adults' Health Status: A Systematic Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *18*(14), 7381. https://doi.org/10.3390/ijerph18147381

Valdés-Badilla, P., Ramirez-Campillo, R., Herrera-Valenzuela, T., Branco, B. H. M., Guzmán-Muñoz, E., Mendez-Rebolledo, G., Concha-Cisternas, Y., & Hernandez-Martínez, J. (2022). Effectiveness of Olympic Combat Sports on Balance, Fall Risk or Falls in Older Adults: A Systematic Review. *Biology*, *11*(1), 74. https://doi.org/10.3390/biology11010074

World Health Organization. (2020). *WHO guidelines on physical activity and sedentary behaviour*. World Health Organization.

Xavier Filho, S., Hayek, B., Cezário, C., & Motta, R. G. (2020). *Os incansáveis*. Contexto.